

Comércio, o bairro onde o antigo e novo se encontram

O antigo e o novo se encontram no comércio da Cidade Baixa, onde funciona o centro financeiro de Salvador, tendo ao fundo um dos mais belos cenários, proporcionado pela Baía de Todos os Santos e pela Ilha de Itaparica. Dentre os referenciais do lado antigo do bairro constam o Mercado Modelo, freqüentado por milhares de pessoas, ponto obrigatório do roteiro turístico, e o Forte São Marcelo, explorado apenas visualmente, a distância, através das lentes fotográficas. Edificações centenárias, onde funciona um comércio variado, como o que abriga o Mercado do Ouro, complementam esse lado.

O lado antigo é igualmente diversificado, mas a maior concentração de atividades financeiras se caracteriza pelo conglomerado de bancos. Bem poucos se localizam em prédios antigos. A maioria desses serviços está instalada em prédios dotados de infra-estrutura moderna e faz com que o centro financeiro se movimente conforme seu horário. Ao redor desse complexo giram restaurantes, lojas de atacado e varejo, sem contar com o mercado informal.

Atualmente, o Comércio está enfocado por um programa de revitalização, coordenado pelo Instituto Miguel Calmon e pela Associação Comercial, que congrega o setor lojista. E como constata os coordenadores do movimento "Cidade Baixa em Alta", há muito o que fazer, a curto, a médio e a longo prazos, para que o centro financeiro de Salvador seja revitalizado e utilizado plenamente em sua capacidade turística-financeira.

Os que circulam diariamente pelo Comércio são bancários, comerciários, comerciantes e executivos. O movimento tem início logo cedo e, no Verão, principalmente, se estende até depois do pôr-do-sol, porque muitos bares ficam abertos até mais tarde. Estes se situam principalmente entre os dois principais corredores do bairro: a Avenida Estados Unidos e a Rua Miguel Calmon. O policiamento é reivindicado, mas não chega a ser um dos problemas cruciais da área, como atestam os freqüentadores rotineiros.

PROBLEMAS

Quem sobrevive das atividades desenvolvidas no bairro enumera inicialmente a coleta de lixo como um dos problemas principais. Ao chegar todas as manhãs, às 9 horas, nos dias úteis, no seu ponto, a baiana de acarajé Felipa Pessoa Sacramento tem que se resignar à cena do seu cotidiano na Rua Miguel Calmon: lixo por toda a sua extensão. No seu entendimento, a coleta é feita muito tarde, já que, mesmo que os bancos abram às 10 horas, o restante dos setores existentes no bairro começa a funcionar a partir das 8 horas.

O presidente da Associação dos Lojistas do Comércio, Waldemar Guedes, aponta o caos existente no trânsito e a necessidade de organização e distribuição dos estacionamentos no bairro — uma opinião compartilhada, com unanimidade, por quem transita pela área. Outro problema

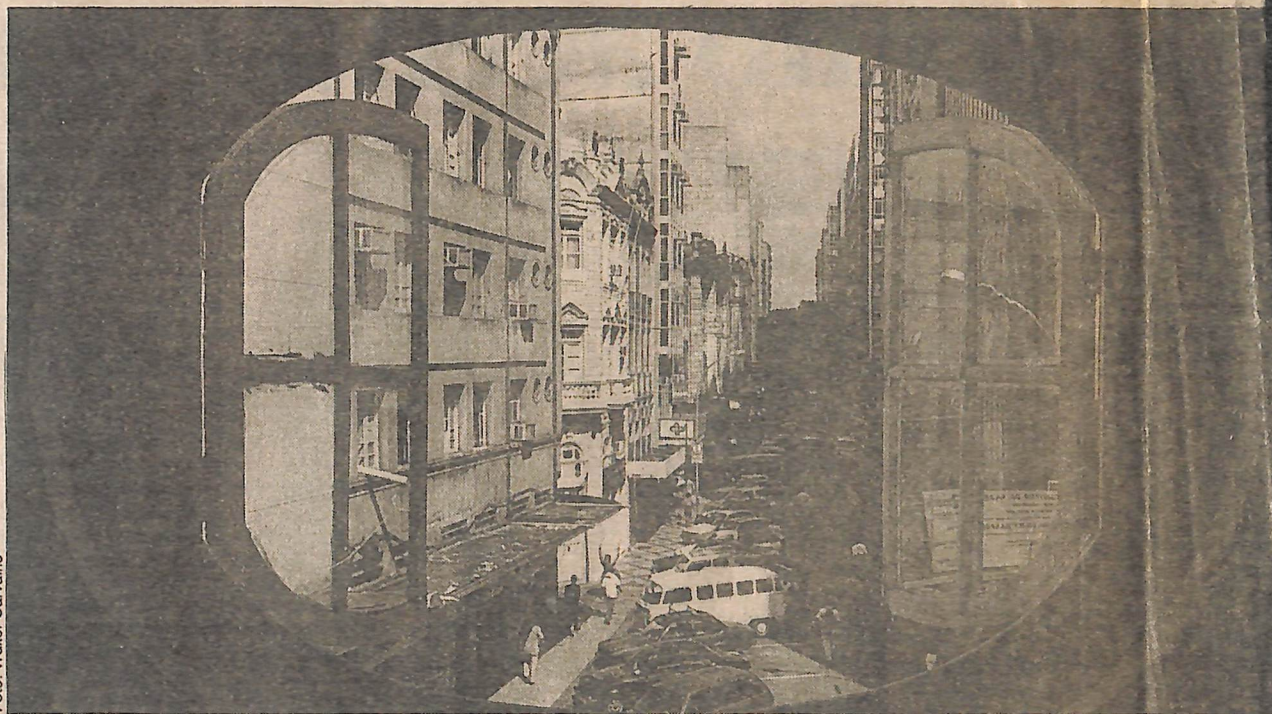


Foto: Walter Carvalho

Rua Portugal, uma das vias mais movimentadas do Comércio

crucial enfrentado por pedestres e lojistas no dia-a-dia do Comércio é o das barracas — de todos os tipos que se possa imaginar. Desde chaveiros e frutas até produtos típicos do interior, como é o caso de uma existente há mais de 20 anos e que já integra a rotina do local, além de sua fama pela qualidade do que comercializa.

"POINTS"

Com todos os contrastes e encantos, o Comércio também tem seus *points*, a exemplo dos demais bairros. Estes englobam desde os bares que se espalham pelos calçadões das transversais, preferidos no Verão, quando o clima é mais ameno, até os tradicionais, como o Mercado Modelo. Os almoços de negócios ou não têm uma ampla variedade, onde os cardápios variam no sabor e na origem para todos os gostos e nacionalidades. Da comida francesa à árabe, ao hamburger do McDonald, passando pela culinária regional, do Mercado Modelo e do Mercado do Ouro. Apesar da decadência de suas instalações, este último traz, além das marcas do tempo, a fama de ter sido freqüentado por intelectuais, executivos e gente do povo. Todos atraídos por pratos famosos, como o filé do Juarez, que se resigna: "Não há dinheiro para recuperar o mercado".

PERFIL

O perfil preciso do bairro está sendo elaborado pela coordenação do programa de revitalização do Comércio, onde tabelas

e mais tabelas vão além da estatística, desvendando a real imagem do local. Muitas reuniões têm sido realizadas, cumprindo um cronograma desse projeto, que já foi entregue formalmente à prefeita Lídice da Mata, segundo o coordenador executivo do programa, Jorge Costa. "Ela se comprometeu a repassá-lo às secretarias municipais para agilizar algumas das medidas a curto prazo. Dentre estas, algumas já foram iniciadas, como a instalação de 22 dos cerca de 80 hidrantes que o bairro precisa e 10 das 315 cestas de lixo, que aguardam patrocínio. A próxima será a retirada do ponto de ônibus do início da Av. Estados Unidos, responsável por quilométrico engarrafamento nos horários de pico.

De acordo com o mapeamento do Instituto Miguel Calmon, o Comércio possui uma área ociosa de quase 20 mil metros quadrados. Em termos de serviços, o caos ocupa o primeiro lugar, seguido do Comércio e, em terceiro lugar, as instituições. A indústria e as residências, localizadas nas encostas, em precário estado, nos sobrados, constituem a parcela menor. Em termos de edificações, predominam, nessa área, prédios de até quatro pavimentos. O núcleo do bairro é formado por edifícios com mais de 8 pavimentos. As construções mais antigas, na encosta, apesar de agora formarem um belo visual, estão completamente deterioradas em sua estrutura e chegam a causar risco de vida no caso das que são habitadas, além de possuírem baixo índice de salubridade.

O turismo está centralizado no Mercado Modelo e se estende, no máximo, até o Terminal Turístico Marítimo. A ideia é pro-

longá-lo até a Igreja da Conceição da Praia, uma das mais antigas e suntuosas da cidade, que atualmente abriga os restos mortais do símbolo da humildade e da caridade na Bahia, Irmã Dulce. A recuperação da Praça Deodoro, onde funciona um comércio informal de vários artigos, do Mercado do Ouro, do Pilar (onde está o abandonado Plano Inclinado), com a parceria da iniciativa privada, faz parte dos planos de revitalização, assim como uma solução para as centenas de barracas e estacionamentos na área. No levantamento feito, descobriu-se que há barracas-restaurantes, outras com telefone e até empresários de barraca. Elas também atrapalham nos casos de incêndio, obstruindo o acesso às transversais das principais avenidas.

BRIGA

Assim como as barracas, os camelôs são outro problema, que, aliás, envolve todo o centro comercial da cidade, diante da recessão e do desemprego dos últimos anos. E a briga maior, como definiu Jorge Costa, reconhecendo as circunstâncias que favoreceram o crescimento do comércio informal. Contatos com as secretarias municipais competentes visam um estudo da situação — especialmente no que diz respeito às barracas. "O que se precisa aqui no Comércio é força e decisão política, pois a intervenção do poder público na cidade é mínima, aqui, com relação a outros bairros", comentou Jorge Costa, sugerindo que o ideal é que os recursos arrecadados com os tributos pagos no local sejam aplicados lá mesmo.